

O GIRO DECOLONIAL NA LITERATURA BRASILEIRA: RESSIGNIFICANDO A FIGURA MATERNA ENTRE A ESCASSEZ DE 1930 E O ENCANTAMENTO CONTEMPORÂNEO

Brenda Lima dos Santos Lopes¹

Geruza Mendes Tavares²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL), Fortaleza, Ce, Brasil, brendalimass@gmail.com

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL), geratav9@gmail.com

Introdução

A representação da maternidade na literatura brasileira não é um dado biológico estático, mas um território de disputa narrativa atravessado por tensões de classe, raça e gênero. Historicamente, o cânone literário nacional, em especial o Modernismo Neorrealista de 1930, imortalizou a figura materna sob a ótica da escassez e do determinismo social. Em obras como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, o corpo materno é delineado pela "geopolítica da fome", onde a sobrevivência biológica da prole se sobrepõe à subjetividade da mulher (SILVA, 2016). Embora essas narrativas tenham cumprido um papel fundamental de denúncia sociopolítica, elas frequentemente operaram sob um "silenciamento ontológico" das vozes femininas negras e indígenas, relegando-as à condição de objetos de estudo ou figuras místicas desprovidas de autoria.

Em contrapartida, a contemporaneidade presencia o que se denomina Giro Decolonial, um movimento epistemológico que busca romper com a hegemonia eurocêntrica e patriarcal na produção do saber. Nesse cenário, as Voz(es) de mulheres afro-brasileiras e indígenas, como Conceição Evaristo e Eliane Potiguara, propõem uma ressignificação da maternidade, deslocando-a do lamento da seca para o encantamento da ancestralidade. Para essas autoras, a maternidade constitui uma "escrevivência" que une o corpo-território à memória coletiva, transformando a dor histórica em tecnologia de cura e resistência (Evaristo, 2007; Potiguara, 2004). O problema central desta pesquisa reside, portanto, na necessidade de investigar como esse diálogo inter-multicultural pode irrigar os silêncios deixados pela tradição modernista, oferecendo novos caminhos para a Educação e para a formação de uma consciência crítica.



Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo geral analisar o papel das literaturas decoloniais como dispositivos de mediação que ressignificam a maternidade em contextos de opressão, contrapondo as representações neorrealistas às narrativas contemporâneas de autoria feminina. Para tal, a discussão busca compreender a escrita como prática social de resistência; discutir como o conceito de ancestralidade potencializa a reflexão sobre a identidade docente; e, por fim, refletir sobre a importância de o licenciando assumir-se como sujeito produtor de saberes interculturais.

A metodologia fundamenta-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa, centrada em uma revisão bibliográfica e documental de caráter exploratório. A análise articula conceitos de interdisciplinaridade e complexidade para compreender a formação docente e a recepção literária como processos socialmente situados, utilizando o levantamento teórico como base para discutir a transição da maternidade-objeto para a maternidade-sujeito na literatura brasileira.

Metodologia

O presente estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza básica e cariz exploratório-descritivo, situando-se no campo interdisciplinar da Crítica Literária Decolonial em diálogo com a historiografia literária brasileira. Esta opção metodológica justifica-se pela necessidade de investigar a literatura não apenas como objeto estético, mas como prática social e território de disputa de sentidos sobre a maternidade e a ancestralidade. O percurso investigativo estruturou-se, inicialmente, por meio de um levantamento bibliográfico e documental sistemático, que serviu de alicerce para analisar a transição da "maternidade-objeto", característica do Neorrealismo, para a "maternidade-sujeito" nas vozes contemporâneas de autoria feminina.

O *corpus* analítico da investigação foi constituído por obras canônicas do regionalismo de 1930, representadas por Ramos (1938) e Queiroz (1930), confrontadas com as proposições insurgentes de "Escrevivência" em Evaristo (2007) e a poética da ancestralidade em Potiguar (2004). Para a execução das análises, utilizou-se a técnica da literatura comparada sob a ótica da complexidade (Larsen-Freeman, 2009), buscando identificar as rupturas e continuidades na representação da figura materna frente às estruturas de opressão. Nesta etapa, articulou-se o conceito de "corpo-território" para compreender como



a narrativa decolonial ressignifica os silêncios e as carências biológicas expostas pela estética regionalista clássica.

Finalmente, procedeu-se à sistematização crítica dos dados, observando como o resgate das vozes afro-brasileiras e indígenas atua como dispositivo de mediação pedagógica na formação docente. Esta fase permitiu discutir como o diálogo inter-multicultural é capaz de desconstruir estereótipos históricos e promover uma educação linguística emancipatória, instrumentalizando o licenciando para assumir-se como um pesquisador apto a mediar saberes que transcendem o cânone tradicional e alcançam as dimensões do encantamento e da resistência política.

Resultados e Discussões

O advento das autorias femininas afro-brasileiras e indígenas na cena literária contemporânea estabelece um giro decolonial que subverte a lógica da representação passiva. Enquanto a estética neorrealista de 1930 operava sob uma "ética da denúncia", as narrativas insurgentes de hoje reivindicam a posição de sujeito através da Escrivivência. Segundo Evaristo (2007), essa categoria epistemológica não se limita ao registro gráfico, mas configura-se como uma escrita que nasce do corpo e da ancestralidade. Nesse prisma, a maternidade deixa de ser uma fatalidade biológica para se configurar como um elo de continuidade ontológica, pois, como assevera a autora, a escrevivência serve para "borrar" a imagem do passado e "emergir" novas subjetividades negras.

Em obras como Ponciá Vicêncio, a relação materna funciona como uma cartografia de retorno em meio ao apagamento identitário. Diferente da "maternidade-falta" de Sinhá Vitória em *Vidas Secas*, cujas aspirações eram interditadas pela precariedade, as personagens contemporâneas manejam a palavra como território de retomada. A mãe ancestral é a detentora de uma "ciência da preservação", transformando a dor da diáspora em agência política. Paralelamente, a poética de Eliane Potiguar (2004) expande essa discussão ao introduzir a dimensão do corpo-território. Para a mulher indígena, o útero é a extensão simbólica do solo ancestral; logo, a violação da terra é sentida como uma agressão ao próprio corpo materno. Sobre essa conexão visceral e política entre a realidade escolar e a produção de saberes, Garcia-Reis e Magalhães (2016, p. 45 *apud* Silva, 2016, p. 20) pontuam:

Nosso intuito não é detectar problemas e apontar “culpados”, pelo contrário, é visualizar possibilidades, potencialidades, refletir sobre diferentes realidades escolares, reconhecer suas características, limitações e desafios e buscar, no coletivo, aprender e refletir sobre como podemos aperfeiçoar as práticas [...].

O encantamento, nesse contexto, deve ser compreendido como uma tecnologia de resistência que preserva a integridade das comunidades. Esse diálogo inter-multicultural promove uma ressignificação da educação linguística e literária, uma vez que o professor-pesquisador, ao mediar essas vozes, rompe com a "formalização ritualística" do cânone tradicional. Como recorda Freire (1996, p. 12), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, o que exige do docente o reconhecimento da legitimidade das oralidades e mídias insurgentes que dão visibilidade a esses saberes ancestrais (Silva, 2016).

Em última análise, a fusão dessas estéticas propicia uma cura narrativa dentro do currículo escolar. Ao invés de reproduzir o silenciamento, o licenciando é instrumentalizado para reconhecer que o ato de parir e narrar em contextos de opressão constitui um exercício de soberania intelectual. Conforme as ideias de Chassot (2000 *apud* Silva, 2016), a educação deve transformar o conhecimento "esotérico" em "exotérico", abrindo as portas da sala de aula para o uso social e humanizado do saber. Assim, a literatura contemporânea de autoria feminina contesta e expande o Neorrealismo, transformando o "corpo-estiagem" do passado em uma fonte de produção de saberes que fundamentam uma prática pedagógica emancipatória e comprometida com a justiça social e a diversidade cultural.

Considerações Finais

A presente investigação permitiu reiterar que o resgate das vozes afro-brasileiras e indígenas na formação docente transcende o estudo literário convencional, configurando-se como uma postura epistemológica de resistência e agência política. Ao longo do estudo, evidenciou-se que a dicotomia entre a "maternidade-estiagem" do Neorrealismo e a "maternidade-ancestral" das vozes contemporâneas não representa apenas uma mudança de temática, mas um deslocamento fundamental na produção de sentidos. A transição do lamento social para o encantamento decolonial revela que a literatura, quando mediada por uma



formação crítica, atua como um dispositivo de cura narrativa e de enfrentamento ao silenciamento histórico de identidades subalternizadas.

Os resultados discutidos demonstram que a escrita de autoria feminina e o exercício da "escrivência" são ferramentas indissociáveis na construção de uma identidade docente reflexiva. Ao confrontar o cânone de 1930 com as insurgências atuais, o licenciando deixa de ser um mero transmissor de cânones estáticos para se tornar um mediador inter-multicultural, capaz de reconhecer o valor dos saberes ancestrais e a legitimidade das novas ecologias comunicativas. A fundamentação freiriana de que "não há ensino sem pesquisa" encontrou ressonância na análise das obras de Evaristo e Potiguara, as quais provam que o ato de narrar a própria história em contextos de opressão é, em última instância, um exercício de soberania intelectual e de educação para a diversidade.

Conclui-se, portanto, que a efetivação de uma educação decolonial no Brasil depende de um currículo que irrigue as lacunas deixadas pela historiografia tradicional e valorize o professor como um sujeito produtor de saberes humanizados. Espera-se que este artigo contribua para que as licenciaturas assumam o compromisso de formar docentes que não apenas identifiquem as marcas da exclusão, mas que saibam mobilizar o encantamento e a ancestralidade como potências de transformação social. Somente através desse diálogo entre a teoria literária e a sensibilidade decolonial será possível construir uma prática pedagógica que responda aos desafios da contemporaneidade e honre a pluralidade das vozes que constituem o território nacional.

Palavras-chave: Maternidade. Neorrealismo. Literaturas Decoloniais.

Referências bibliográficas

CHASSOT, Á. **A ciência através dos tempos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção Polêmica)

CHASSOT, Á. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2000.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos desenhos de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA-REIS, R.; MAGALHÃES, T. G. Escrita acadêmica na formação inicial de professores de português: o gênero artigo científico em foco. **Revista Práticas de Linguagem**, Juiz de Fora, v. 6, n. esp., p. 38-55, 2016.

LARSEN-FREEMAN, D. **Language as a Complex Adaptive System**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics**: a critical introduction. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2001.

POTIGUARA, E. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

POTIGUARA, E. **A terra é a mãe do índio**. Rio de Janeiro: Gráfica do MEC, 1975.

QUEIROZ, R. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

SILVA, K. A. (org.). **Linguística Aplicada plurilíngue e indisciplinar**: uma homenagem a Kanavillil Rajagopalan. Campinas: Pontes Editores, 2016.

FRPED

